

# A criança e o jogo: um olhar sobre formas de negociação

FREDERICO JORGE SAAD GUIRRA  
ELAINE PRODÓCIMO  
UNICAMP, Brasil

---

## Introdução

Vivemos em um mundo globalizado no qual se percebe que as pessoas possuem cada vez menos tempo de se comunicar, embora, contraditoriamente, a velocidade dos meios de comunicação atinja níveis cada vez mais elevados, principalmente quando se fala da televisão e da informática, modificando e influenciando a vida das pessoas.

Confirma o que acabamos de dizer o fato de a televisão, principalmente a TV a cabo e a Internet, levar crianças e jovens a adotarem uma cultura de compra, segundo a qual o que importa é o ter e não o ser. Esses meios de comunicação excitam o desejo e a necessidade do consumo exagerado. Mas, apesar de toda essa disseminação da cultura capitalista, há crianças que ainda brincam nas ruas, nos pátios, nas quadras, nas praças e nas escolas e, por meio dos jogos e brincadeiras, adquirem um conhecimento para toda a vida.

No enorme emaranhado de informações dentro dessa complexa sociedade em que vivemos, instituições encarregadas de disseminar o ensino em massa, como a escola, possuem um papel importantíssimo na vida de seus alunos e na formação dos futuros cidadãos, pessoas no seu sentido integral, capazes de interagir e de modificar a sociedade, e que, motivados por fortes laços enraizados em suas famílias, não se separam do meio em que vivem, do seu meio social, ou seja, da sua cultura.

Neste trabalho, propomo-nos observar o jogo entre crianças e suas mais diversas formas de negociação, ou seja, investigar como elas decidem as normas e regras que irão reger a brincadeira, ou o jogo, tornando-os prazerosos, interessantes e instigantes. A arte de negociar, de criar normas e regras para as brincadeiras faz com que as crianças, acima de tudo, além de brincarem, aprendam conceitos e normas que servirão para elas dentro da sociedade, no dia-a-dia, no relacionamento com outras pessoas e na sua formação social, como indivíduos indissociáveis da sociedade e que poderão transformá-la, a partir de sua interação com o meio e com seu cotidiano.

Ninguém vive sozinho, portanto, as crianças necessitam de outras crianças e da mediação dos adultos para construir sua formação social, de maneira que, se elas forem mal instruídas, poderão tornar-se, futuramente, pessoas egoístas, sem escrúpulos, com uma auto-imagem deturpada e sem os valores tão essenciais à nossa sociedade.

**Revista Iberoamericana de Educación**

**ISSN: 1681-5653**

n.º 49/1 – 25 de marzo de 2009

EDITA: Organización de Estados Iberoamericanos  
para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI)



Uma das características do jogo, que possibilita um amplo campo de aprendizagem para os que o praticam, é a existência de regras. Segundo Vygotsky (2001), todo jogo possui regras e também o faz de conta, ou seja, o simbolismo. Quem joga subordina-se às regras do jogo, e é o próprio Vygotsky (2001, p. 315) quem nos traz uma definição interessante de por que as crianças se subordinam ao jogo e às suas regras:

A criança se subordina às regras do jogo não porque esteja ameaçada de punição ou tema algum insucesso ou perda, mas apenas porque a observância da regra lhe promete satisfação interior com a brincadeira, uma vez que a criança age como parte de um mecanismo comum constituído pelo grupo que brinca.

Com essa informação podemos entender que as crianças seguem as regras do jogo por vontade própria, pois entendem que, se não for assim, o jogo não ocorrerá. Ao observarmos crianças brincando, podemos ver que elas procuram levar para dentro do contexto do jogo situações e reflexos do meio cultural em que vivem, das atitudes das pessoas que as cercam e das tradições culturais de seu povo. É importante salientar que, na família, primeiro lugar de socialização da criança, desde seu nascimento até a sua entrada no mundo escolar, ela aprende os primeiros jogos e brincadeiras, cantigas de roda, músicas e muitas outras formas de manifestações culturais, que, mais tarde, nas brincadeiras, são levadas para o novo meio de convívio social, na rua e na escola. É claro que, se essas crianças receberem carinho no meio da família, levarão carinho para fora desse convívio, e se, ao contrário, elas receberem exclusão, maus tratos e ensinamentos que as tornem egoístas, também levarão isso para o seu mundo extra-familiar.

Ao retomarmos um pouco a nossa história, veremos que, segundo Ariès (1986, p. 92):

Por volta de 1600, a especialização das brincadeiras atingia apenas a primeira infância; depois dos três ou quatro anos, ela se atenuava e desaparecia. *A partir dessa idade, a criança jogava os mesmos jogos e participava das mesmas brincadeiras dos adultos, quer entre crianças, quer misturada aos adultos* (grifo do autor).

Isso nos leva a pensar que as regras que os adultos usavam em seus jogos e brincadeiras deveriam também ser seguidas pelas crianças, existindo, de alguma forma, certo nível de violência nesses jogos, por ainda não respeitarem o direito delas, vendo-as apenas como um adulto em miniatura. Tempos depois, após se tomar consciência do sentimento de infância, surge a família moderna e a preocupação com a criança como um ser com características próprias, de acordo com a sua idade, e não mais com as características dos adultos; foi então que se percebeu que as crianças, quando bem trabalhadas e orientadas, podem garantir uma sociedade mais bem alicerçada e melhores futuros cidadãos.

Em Gallardo (2005, p. 33), podemos observar uma afirmação que nos diz, com extrema pertinência, que "(...) em todo esse processo, a fase inicial da vida do homem se caracteriza por concentrar as aquisições motoras elementares, para o restante do seu desenvolvimento. Sendo assim, é na infância que se estabelecem as relações fundamentais". Portanto, podemos observar que é na família e nos primeiros anos de vida escolar, que a criança adquire valores éticos e morais que servirão de orientação para a sua inserção social.

## A Educação Física, um auxílio ou empecilho para a aprendizagem pelo jogo

Quando nos remetemos à Educação Física, principalmente a escolar, quase sempre nos deparamos com uma triste realidade. Professores, pessoas responsáveis pela mediação entre o

conhecimento e os alunos, vêm reproduzindo práticas muito resistentes, reflexo de uma das muitas fases pela qual passou a Educação Física, como nos afirma Castellani Filho (1994), na citação abaixo:

Lemos que, em um momento em que o esporte empresta prestígio à Educação Física, o professor teve sua imagem confundida com a de técnico. A ênfase nos meios de ensinar que caracterizam a pedagogia tecnicista cobrou forte efeito em sua formação como também em sua prática agora esterilizada politicamente.

A pedagogia tecnicista pela qual passou a escola, a exaltação do esporte de competição, como meio de atrair a atenção dos grêmios estudantis que lutavam contra o governo militar e a repressão, deixaram forte influência no aprendizado da Educação Física, principalmente da Escolar. Professores preparados para serem técnicos, em suas aulas, sem perceber, submetem seus alunos a um ensino mecanicista e repetitivo, realizando uma seleção dos alunos mais aptos fisicamente, os mais fortes, os mais hábeis e, mais, por meio dessas aulas, buscam preparar o homem forte, sadio, empreendedor, possuidor de capacidades que o destaquem na sociedade e no trabalho, para um único objetivo: continuar mantendo a superioridade e a representatividade da classe dominante, mantenedora dos meios de produção e do capital e do seu *status quo*.

Deve-se ter bem claro que uma nova postura do professor diante dos alunos representa, hoje, uma demanda da sociedade contemporânea, que cobra dos indivíduos um posicionamento crítico, o saber pensar diante das mais diversas situações do cotidiano e, até mesmo, do mercado de trabalho e de suas desigualdades.

Professores de Educação Física possuem uma missão muito maior do que possam imaginar, não se limitando simplesmente ao ato de ensinar atividades físicas ou esportes, como temos visto, mas desenvolvendo uma obrigação social, moral e ética de ensinar valores que futuramente irão acompanhar o aluno, ao longo de sua inserção na sociedade. Confirma essa idéia o pensamento de Soler (2003, p. 14), ao nos dizer que: "(...) o corpo é o primeiro instrumento de pensamento da criança, sendo essencial para o seu diálogo com o mundo e a Educação Física Escolar tem papel fundamental, pois é mediadora desse processo".

O desafio de orientar o aluno para que ele saia da alienação em que vive cabe ao professor, que, mostrando diferentes alternativas presentes nas soluções de determinados problemas, dando informações e mediando debates, conscientize o aluno para que ele, de forma autônoma, escolha a maneira mais adequada de agir em cada momento. Corpos dóceis, aprisionados e sem questionamentos são corpos que aceitam com mais facilidade a atual situação, principalmente ideológica e econômica que aí se encontra. Corpos que se movimentam, que brincam, jogam, discutem regras e se expressam são corpos pensantes, questionadores, que não conseguem ficar escondidos atrás das máscaras que a sociedade impõe, como forma de ilusão e aprisionamento. Acreditamos que nos corpos estão inscritas as mais puras expressões de alegria, de tristeza, de dor, de felicidade, de questionamento, e, quando se priva um corpo de se movimentar, essa atitude muito se assemelha ao cárcere, na sua acepção mais pura de prisão, com grades, e esse aprisionamento se dá pela imposição ideológica.

Por não conseguir explicitar, de forma clara, a especificidade de sua disciplina, o professor de Educação Física ainda não conseguiu entender o seu real papel, como educador e mediador, no contexto escolar e no contexto social. Por não conseguir ter clareza de sua importância na formação do ser humano, na sua formação integral (afetiva, social, cultural, filosófica e física) é que continua sendo rotulado como

“uma massa composta por músculos que possui um cérebro do tamanho de um amendoim” (BARBOSA, 2005, p. 50), e suas aulas, cada vez mais raras nas escolas, podem ser colocadas em qualquer horário, porque só servem para criar desordem e falta de atenção, fazer os alunos suarem, enfim, uma perda de tempo para os outros professores.

É necessário que a escola, como um todo, compreenda que a Educação Física, pela sua especificidade, é diferente das outras disciplinas, mas não menos importante, pois o seu aprender se dá pelo corpo, e a sua linguagem é o movimento corporal. Como todas as outras, tem objetivos, conteúdos e métodos.

Barbosa (2005, p. 125) nos expressa com muita propriedade que:

É essencial que o professor ajude o aluno a dominar seus conteúdos, desde que esses sejam relevantes e significativos. Quando o professor não consegue garantir a apropriação desses conteúdos, os alunos, a maioria membros das camadas mais populares, não podem fazer valer seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que servem exatamente desses conteúdos para legitimar e consolidar essa dominação.

É claro que, exercendo seu direito à liberdade, o professor pode escolher entre continuar com a pedagogia do dominante (voltada para a prática bancária que gera um aluno repetidor de gestos e movimentos), ou optar por uma prática libertadora na qual romperia, cada vez mais com a mecanização do ensino, dando lugar a um pensamento com base no raciocínio, fundamentado nas experiências do indivíduo e do meio em que ele vive.

Freire (1991, p. 43) nos faz um excelente comentário, ou seja, “A escola não deveria trabalhar com a criança no sentido de treiná-la para ser adulta, mas sim no sentido de construir e reforçar as estruturas corporais e intelectuais que dispõe (grifo do autor)”. Na verdade, a escola está atualmente organizada só para repassar o conhecimento, e, na maioria das vezes, não atrai a criança, fazendo com que o recreio e os horários fora de aula passem a ser os melhores momentos para o jogo e a brincadeira, pois é quando a criança brinca e é feliz de verdade.

## O jogo e a arte de negociar suas emoções

Uma definição de Maturana, em entrevista na Universidade Católica de Brasília (2004), explicita, com plena clareza, o objetivo do jogo no desenvolvimento humano:

O jogo é uma atividade que se realiza no prazer de ser feito, com a atenção posta no prazer de fazer a coisa, pelo fazer mesmo, não na consequência. A importância disso é que o jogo permite a colaboração. Permite a seriedade do fazer pelo próprio fazer, pelo respeito àquilo que se está fazendo, pelo prazer de fazê-lo e não pelas consequências que poderá ter. A criança, ao jogar, aprende um modo de viver cuja atenção não está nas consequências, mas sim na responsabilidade do que faz. Claro que vão ter consequências, mas o central não serão as consequências, mas aquilo que a criança está fazendo ao jogar. Se alguém aprende isso, pode colaborar, pode estudar, pode fazer qualquer coisa com satisfação e com prazer. Porque o central não será o resultado, uma nota, não é o que vai ganhar com aquilo, mas o processo mesmo de fazê-lo. Isso dá liberdade de ação. Não quero dizer que ninguém possa fazer nada pelo resultado, sim, pode fazê-lo, mas o fará com a seriedade de respeitar o processo, não se fixará nos resultados.

Esse pensamento nos remete à seguinte reflexão: a satisfação do jogo não está na vitória, ou na competição, mas simplesmente no prazer da realização, da forma de interação, da satisfação do fazer naquele momento e do que se está sentindo. Ao observarmos crianças na rua, brincando, veremos que qualquer que seja a brincadeira, o envolvimento é total, a satisfação está impressa nos olhares, rostos, movimentos, sem que haja cobrança, e sem se objetivar nada, futuramente, mesmo sabendo que algo se constrói.

Na escola, muitas vezes, esse processo se dá de forma decepcionante e frustrante, porque os momentos nos quais as crianças deveriam jogar se tornam momentos de cobrança, de disciplina e de adestramento por parte dos professores de Educação Física, que não se cansam de suas aulas monótonas e estressantes.

Ao realizar nossa pesquisa, procuramos visitar os mais diversos locais, onde crianças jogavam, e procuramos observar como essas brincadeiras se realizavam, o material utilizado e, principalmente, como se dava a negociação de suas regras, isto é, como os participantes chegavam a um acordo quanto às normas da brincadeira.

Abaixo iremos citar os jogos e brincadeiras que foram observados em nossa pesquisa e como as crianças chegaram às negociações necessárias para o bom andamento do jogo, vivendo de forma intensa suas emoções e aprendendo com elas.

## Os jogos e as brincadeiras

Nossa pesquisa foi realizada com crianças dos 5 aos 10 anos, em uma escola pública de Ensino Fundamental do município de Barra do Garças/MT, localizada em um Centro Social Urbano da cidade, onde, juntamente com a escola, funciona o programa do Governo Federal, PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). Essa escola está localizada em um bairro de classe baixa da cidade, e seus alunos são moradores do próprio bairro. Interessante notar que essa escola foi escolhida pela situação financeira do bairro, e por ser uma escola com estruturas muito humildes, em que professores e alunos têm de utilizar, a todo instante, sua imaginação, como ingrediente importante do aprendizado, devido à carência estrutural do lugar.

A pesquisa foi realizada durante três semanas, e foram realizadas 18 observações, no horário que antecedia o início das aulas, no recreio e em algumas aulas de Educação Física. Das situações observadas, foram registrados os jogos que, ao olhar do pesquisador, pareceram mais pertinentes para a compreensão das negociações das regras pelas crianças. Abaixo explicitaremos algumas das brincadeiras realizadas pelos alunos e registradas no estudo.

Quanto aos aspectos éticos da pesquisa, a presença do pesquisador foi autorizada pela direção da escola, e, como não foi feita nenhuma intervenção direta junto aos alunos, não foi necessário o encaminhamento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Pais. Em nenhum momento, as crianças foram identificadas e nenhuma atitude que pudesse comprometer qualquer uma delas foi tomada, também não houve qualquer tipo de ônus a nenhum dos envolvidos no estudo.

## 1. Futebol na caixa de areia (idade 8, 9 e 10 anos)

*Horário:* antes de as aulas se iniciarem e no recreio.

Foi observada esta brincadeira no horário do recreio. Os alunos, ao bater do sinal, se reuniram em uma caixa de areia, dentro do pátio na frente da escola. Dentro da caixa de areia havia duas grandes árvores plantadas, que serviam de obstáculo natural para o jogo.

Repartiram-se em dois grupos, tiraram “par ou ímpar” para a escolha das equipas, e aí, então, definiram-se algumas regras para o andamento da brincadeira:

- Toda vez que a bola saísse da caixa de areia era considerada bola fora.
- Quando a bola batesse na árvore, no meio do campo, não era fora, mas valeria como parte do jogo.
- A cada dois gols, quem estava no gol viria para a linha e outro iria para o gol.
- Como atrás do gol ainda havia um espaço de areia, se a bola ultrapassasse uma linha imaginária de demarcação de fundo, ainda estaria dentro do campo.
- Não seria permitido segurar a camisa do colega, colocar a mão na bola, nem empurrar.

Fato interessante a ser ressaltado é que as regras eram seguidas, e que nenhum garoto ficou excluído da brincadeira.

## 2. Seguindo o líder (idade: 5 e 6 anos)

*Horário:* No recreio e no momento de recreação da Educação Infantil. No recreio, a atividade não foi dirigida por um adulto, mas na hora da recreação, no momento da aula, foi.

Fez-se uma grande fila entre meninos e meninas, com mais ou menos 20 crianças. O intuito era de o primeiro da fila liderar os demais, que seguiriam tudo o que o primeiro fizesse. Tudo o que o líder mandasse os outros faziam. A fila seria conduzida pelo líder, em volta da escola, pelo pátio e pela quadra, não podendo adentrar a escola e suas dependências, como salas de aula.

Antes da brincadeira, ficou decidido entre as crianças e o professor, que algumas coisas não poderiam ser feitas, na fila, entre os participantes, com a participação do professor, pois havia crianças menores no grupo.

- Empurrar o companheiro da frente.
- Não repetir o que o líder fizesse.
- Parar bruscamente, machucando o companheiro de trás.
- Sair da fila.

*Observação:* quem não fizesse o que o líder mandasse, estaria fora da fila.

A excitação das crianças era tão grande que elas não conseguiam ficar paradas, movimentavam-se o tempo todo, sorriam, gritavam.

### 3. Futebol misto (meninos e meninas - idade: 7, 8, 9 e 10 anos)

Horário da aula de Educação Física, com a mediação do professor.

A quadra poli-esportiva da escola não tem cobertura, o piso está bem quebrado e, por isso, os alunos só podem usá-la quando o sol está mais fraco.

Meninos e meninas brincavam juntos na quadra. Formaram-se times mistos, cada equipe com 10 jogadores (5 meninos e 5 meninas), que jogavam entre si, com uma bola de futebol, e o objetivo era fazer gol.

Convencionou-se entre eles que:

- Só quem poderia fazer gol eram as meninas.
- Não seria permitido colocar a mão na bola.
- As equipes deveriam sempre conter meninos e meninas.
- Não seria permitido empurrar, nem chutar o(a) companheiro(a).
- No gol só poderiam ir meninos.
- Os meninos, para diferenciar, tirariam as camisas.

Vale ressaltar a grande capacidade de liderança de certas crianças, pois, na hora do estabelecimento das normas da brincadeira, elas sempre tinham ideias, e algumas sempre se sobressaíam a outras, colaborando com o professor na mediação das atividades.

### 4. Jogo de imitação (idade: 5, 6, 7, 8, 9 e 10 anos)

*Horário:* antes do início das aulas e no recreio.

Foi feita uma grande roda de onde uma pessoa era escolhida para conduzir a brincadeira. Ela ficava no centro da roda e fazia gestos, danças e movimentos que deveriam ser seguidos pelos demais integrantes. Havia a participação de meninos e meninas, e a professora ficava do lado de fora da roda, observando, sem dar palpites.

Decidiram juntos que:

- Deveriam fazer tudo o que o mestre mandasse.
- A cada 2 imitações, trocariam quem estivesse no centro da roda.
- A troca era sempre de 1 menino, e, depois, de 1 menina no centro da roda.
- A brincadeira deveria ser sempre em roda.
- Quem se recusasse a fazer a gestualização do líder, estaria fora da roda.

## 5. Pique-esconde (7 e 8 anos)

*Horário:* antes do início das aulas e no recreio

Como a escola fica em meio a árvores, isso favorece certas brincadeiras pela sua estrutura natural.

O jogo de “pique-pega”, ou “pique-esconde”, foi decidido pela turma, e dele participariam meninos e meninas. Detalhe interessante é que, durante a negociação das normas, as meninas davam mais palpite do que os meninos: elas, muitas vezes, preocupadas com sua integridade física, e os meninos com a correria.

A negociação ficou assim estabelecida:

- Deveria haver uma contagem até 20, de forma pausada, para que os companheiros pudessem se esconder.
- Ao descobrir o companheiro, quem estivesse pegando, deveria voltar até o lugar da contagem e falar o nome de quem foi encontrado.
- Não poderiam se esconder nas salas de aula, e nas demais dependências da escola fora o pátio, o jardim, e a quadra.
- Quando estivessem todos pegos, quem estivesse pegando ia se esconder, e quem estivesse se escondendo ia contar.
- Ao ser pego, o aluno não poderia empurrar quem estava pegando.

Vale a pena ressaltar que a forma mais utilizada de negociação, para decidir, era o “par ou ímpar”, e, como já convencionalizado, daria o direito de escolha, primeiro, para quem ganhasse. O “par ou ímpar” era tão empolgante que todos cercavam quem tirava, como se quem perdesse, estivesse perdendo o jogo.

## 6. Futebol de Salão (idade: 9 e 10 anos)

Horário da aula de Educação Física.

Na quadra da escola, os meninos se sentiam os “donos do pedaço”, e, quando se tratava de futebol, então, aí a coisa era mais séria. Eles dividiram as equipes; tiraram “par ou ímpar”; decidiram de que lado começaria o jogo e quem sairia com a bola. Não houve interferência do professor na negociação das regras do jogo.

Nesse tipo de jogo, que mais se aproximava do futebol de salão, não se permitiam meninas, só na torcida, pois ainda havia entre eles a idéia de que futebol é coisa só para homem, e que mulher é muito mole para jogar.

Fizeram, assim, algumas negociações:

- Só podiam jogar meninos.
- Uma equipe deveria ficar de camisa e a outra sem camisa.



- A cada dois gols, trocava-se a equipe perdedora.
- Eram 10 ou 2, quer dizer, ou se faziam dois gols, ou dez minutos quem estivesse ganhando ficava na quadra; se desse empate, ficaria quem havia ganhado a anterior.
- Não seria permitido segurar o companheiro, pôr a mão na bola, empurrar.

## 7. Voleibol misto (idade: 8, 9 e 10 anos)

Horário da aula de Educação Física.

O professor auxiliou na decisão e na negociação das regras do jogo. Vale a pena ressaltar que o professor tentou impor as suas regras, e percebemos a insatisfação dos alunos de terem que obedecer a regras pré-estabelecidas e sem a participação deles.

A escola não possui rede de voleibol, e a bola tinha sido levada por uma das alunas. Os meninos amarraram um elástico entre uma árvore e um cano de mais ou menos 3 metros que ficava perto da árvore. Dividiram as equipes mistas e a bola era de plástico, leve e grande.

Como o professor impôs as regras, eles se reuniram apenas para ouvir o professor que assim decidiu:

- A mesma pessoa não poderia dar mais de um toque na bola.
- Não poderia bater forte na bola para o outro lado.
- Dos três toques permitidos, um deveria ser de uma menina.
- O set era de 15 pontos, após o qual se trocava a equipe perdedora.
- Como a quadra era de terra, não era permitido ficar esfregando o pé no chão, ou arrastando-o, para não levantar muita poeira.

Deve-se ressaltar que essa inclusão das meninas nos jogos, muitas vezes, partia das próprias crianças, como muitas vezes partia dos adultos, no caso, o professor ali perto, quando ele dirigia a atividade, pois, quando ele deixava de estar perto, na hora da negociação das regras, algumas crianças deixavam de participar: gordinhos, meninas, os muito magros, pela alegação das outras crianças de serem muito lentos, ou de não conseguirem jogar.

## Análise das situações observadas

Uma coisa nos ficou clara: no espaço escolar, era durante o recreio, e antes do início das aulas, o momento em que as crianças mais se divertiam, ou quando elas jogavam de forma descontraída, sem a presença de adultos, e quando o envolvimento delas era o maior possível, na elaboração das regras, na motivação. Os risos, gritos, vibrações denunciavam o envolvimento com os jogos. Era perceptível que as crianças gostavam de participar das atividades, e não só do ato em si, mas também da elaboração das regras, da discussão e dos acordos, fato esse que ficou claro, quando na observação de uma das aulas de Educação Física, o professor impôs as regras para que as crianças seguissem, e elas manifestaram-se

insatisfeitas com a atitude do professor. Essa imposição do professor tornou o momento da aula de Educação Física, sempre tão esperado pelas crianças, em um momento de pura obrigação, em detrimento da alegria, e da satisfação, elementos propiciados pelo jogo. Isso não significa que durante as aulas de Educação Física, outros professores não tenham tido atitudes diferentes, mediando a atividade, sem imposições, discutindo as regras, como no caso da aula de futebol misto, garantindo assim o sucesso e a satisfação do jogo.

É importante salientar que cabe ao professor estimular nos alunos a capacidade de gerir suas atividades, incentivando-os a criarem e alterarem as regras dos jogos, e não entregando “tudo pronto” a eles. Tal postura do professor permite ao educando o desenvolvimento de uma posição autônoma e não heterônoma diante da vida, como bem explicou Piaget (1977), para quem, heteronomia refere-se a uma forma de conduta em que o sujeito acredita que as regras são sempre externas a ele mesmo, e as cumpre por medo de alguma represália; já na autonomia, o sujeito entende as regras como livre decisão de um grupo, portanto, podem ser mudadas, de acordo com as necessidades desse grupo, e cumpre as regras por entender sua importância como reguladora de condutas e por seu interesse social. O professor que apresenta as regras prontas aos alunos, indiretamente, ensina a eles que elas são externas e devem ser obedecidas como são, portanto, estimula, dessa forma, uma conduta heterônoma.

Cada criança contribuiu com brincadeiras que fazem parte do seu patrimônio cultural, algo que muitos trazem de casa, da família, e repartem com os outros, enriquecendo o momento e as atividades. Os nomes têm variações, mas o importante é que essas crianças se apropriam dos elementos da sua cultura e os divide com os demais. Para que isso continue acontecendo é importante que haja espaços de socialização, nos quais as crianças possam ainda brincar de forma espontânea, e que a cultura lúdica possa ser preservada, visto que tem sido cada vez mais difícil que isso ocorra, principalmente nos grandes centros, em que a violência tem amedrontado as famílias, que cada vez mais têm se fechado em seus próprios lares. Numa situação como esta cabe à escola o incentivo à manutenção dessa cultura lúdica, criando espaços em seu meio para que as crianças brinquem e explorem as possibilidades das brincadeiras.

Outro fator interessante é que, em alguns momentos, o racismo, a discriminação física e o individualismo deram lugar ao companheirismo e à igualdade, características nem sempre encontradas na sociedade e na escola. Em outros momentos, contudo, pôde-se notar que existia, sim, a exclusão de algumas crianças que eles mesmos chamavam de “lentos”, como crianças mais gordinhas, meninas, garotos muito magros, que nem sempre eram escolhidas, e, quando escolhidas, era por falta de opção e eram criticadas o jogo todo. Essas crianças, quando excluídas das brincadeiras, geralmente formavam um grupo à parte para brincar, ou para ficar conversando, esperando o final da aula (no caso das aulas de Educação Física), ou brincavam com outras crianças no horário do recreio.

Cabe-nos ainda dizer que, principalmente dentro do contexto escolar, compete ao professor intermediar essas negociações para que ninguém seja excluído e fique de fora das aulas e das brincadeiras. Essa intervenção do professor, no sentido de garantir a inclusão, tende a ensinar as crianças, já nos primeiros anos de vida, a importância de viver em sociedade, revendo valores deturpados que permeiam essa situação, e como a escola pode contribuir com esse quadro.

## Considerações finais

O jogo é uma forma de atividade muito interessante. Muitos adultos de hoje devem se lembrar das brincadeiras de rua, principalmente em se tratando das cidades de pequeno porte, cada uma marcada pela cultura de sua gente. Na verdade, embora o momento da brincadeira fosse o momento do prazer e da descontração, todos sabiam que sua participação estava condicionada ao cumprimento das regras estabelecidas pelo grupo.

Na escola, mesmo hoje, com todo o progresso das ciências e da tecnologia, esse processo se dá, muitas vezes, de forma bastante diferente, quando há um adulto ditando as normas e reprimindo a liberdade. Mesmo nas aulas de Educação Física, disciplina hoje obrigatória nas séries iniciais do Ensino Fundamental, o momento do jogo se torna momento de cobrança e adestramento pelos professores, perdendo-se a oportunidade de desenvolver nas crianças a criatividade, a autonomia e os valores éticos, tão necessários à vida em sociedade.

Além disso, desconsidera-se completamente que os alunos possam trazer para dentro da instituição escolar, experiências de uma vida que até aquele momento foi sendo construída no seu contato com a família, na rua, nas brincadeiras e no contato com outras pessoas, perdendo-se a oportunidade de se praticar o respeito ao outro, ao diferente.

Os PCN (1998, p. 38) nos dizem que “as características individuais e as vivências anteriores do aluno ao se deparar com cada situação constituem o ponto de partida para o processo de ensino e aprendizagem das práticas da cultura corporal”. O próprio PCN nos traz em seu texto que “as situações do ensino aprendizagem contemplam possibilidades de o aluno arriscar, vacilar, decidir, simular e errar, sem que isso implique algum tipo de humilhação ou de constrangimento”.

O aluno, quando ingressa no mundo escolar, vem carregado de sentimentos e sentidos que foram trabalhados e acumulados desde o seu nascimento, não podendo ser arrancados ou desprezados, mesmo quando ele se defronta com uma nova realidade, que é a escola, seus métodos e princípios. E o jogo seria uma oportunidade riquíssima de valorização das diferentes culturas que se juntam na escola.

O fato de o jogo ser usado como meio de aquisição de regras e valores sociais, já seria o suficiente para uma contribuição na formação dos seus praticantes, mas não parando por aí, torna-se um momento de alegria e de descontração, e seu aprendizado vai muito além disso. O fato de jogar só pelo prazer, mesmo que no futuro se possam colher frutos com essa prática lúdica, continua revigorando e nutrindo na mente e no coração de milhares de crianças um mundo de alegria e divertimento.

Portanto, podemos afirmar que, por meio do jogo e da brincadeira, a criança aprende e se identifica com o meio e suas emoções. Quando as crianças estão juntas e interagindo pelo jogo, podem, sem preocupação, arriscar, vacilar e errar, sem uma cobrança, sem medo e, aí reside o verdadeiro aprendizado, capaz de transformar essas crianças e de prepará-las para serem verdadeiros cidadãos, ou seja, pelo jogo, a criança aprende, desde cedo, que, para viver em sociedade, é necessário que haja respeito pelas regras do seu grupo de convívio.

## Bibliografia

- ARIÈS, Philippe (1981): *História social da criança e da família*, 2.ª ed. Traduzido por Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara.
- BARBOSA, Cláudio Luís Alvarenga (2005): *Educação Física e Filosofia. A relação necessária*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes.
- CASTELLANI FILHO, Lino (1998): *Política Educacional e Educação Física*. Campinas/SP. Autores Associados (Coleção Polêmica do Nosso Tempo).
- FREIRE, João Batista (1991): *Educação de corpo inteiro. Teoria e prática da Educação Física*. 2.ª ed. São Paulo: Editora Scipione, Série Pensamento e Ação no magistério.
- GALLARDO, Jorge Sérgio Pérez (2005): *Educação Física Escolar: do berçário ao ensino médio*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna.
- MATURANA, Humberto Romesín (2004): [www.humanitates.ucb.br/2/entrevista.htm](http://www.humanitates.ucb.br/2/entrevista.htm). Brasília, Universidade Católica de Brasília, 2 de novembro de 2004.
- PIAGET, J. (1977): *O julgamento moral na criança*. São Paulo: Mestre Jou.
- SOLER, Reinaldo (2003): *Educação Física escolar*. Rio de Janeiro: Sprint.
- VYGOTSKY, L. S. (2001): *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.